

# A construção da intersubjetividade do texto na leitura em voz alta: um olhar enunciativo



Autor: Jéssica Pedroso Vom Mühlen  
Bolsista PROBIC/FAPERGS – UFRGS  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Magali Lopes Endruweit



## INTRODUÇÃO:

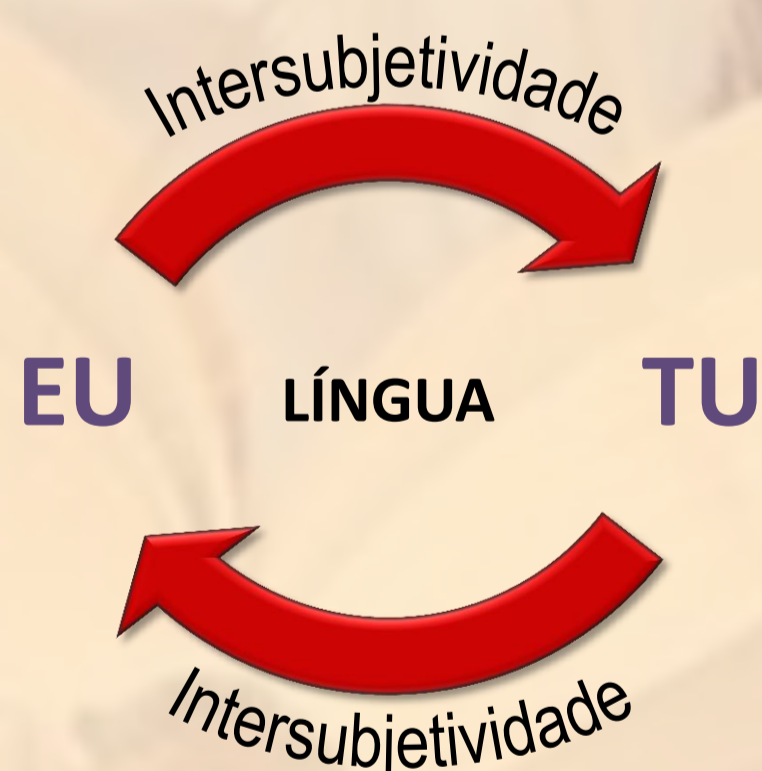
Através da análise da leitura em voz alta e posterior discussão feita pelos alunos em sala de aula – prática recorrente e estimulada em sala de aula na disciplina de Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa I, na UFRGS, ministrada pela professora Magali Endruweit - foi possível observar alguns aspectos:

- A leitura em voz alta suscitou, muitas vezes, a percepção de novas interpretações do texto que estava sendo lido pelo aluno-autor – aspecto que não era observado quando esse mesmo aluno efetuava apenas a leitura silenciosa de seu próprio texto;
- A escolha de porções específicas do texto, por parte dos ouvintes, para análise do sentido global do texto (que poderiam ou não se encaixar nos quatro eixos propostos no livro *Da redação à produção textual* de Paulo Guedes - bibliografia básica da disciplina);
- A frequente percepção objetiva da escrita (manifestada através da capacidade de análise não ofuscada pela materialidade do texto) por parte dos alunos-ouvintes;
- Discussão conjunta dos aspectos eventualmente obscuros do texto e busca de soluções através da (re)escrita (reconstrução conjunta da linguagem interior convertida em escrita).

Através desses aspectos foi possível traçar nosso principal objetivo: **compreender, através do olhar enunciativo de Émile Benveniste, como a percepção de novas interpretações do texto é desencadeada na leitura em voz alta.**

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

- Intersubjetividade:



Compreendemos a intersubjetividade como a possibilidade de troca entre as pessoas “eu” e “tu” na instância do discurso (BENVENISTE, 1995, p. 279).

- A escrita, segundo Benveniste:

"Toda aquisição da escrita supõe uma série de abstrações. Há uma súbita conversão da língua em imagem da língua. Para o homem em estado de natureza, é algo prodigioso e extremamente difícil. [...] O locutor deve se desprender dessa representação da língua falada quando exteriorização e comunicação." (BENVENISTE, 2014, p. 130)

- Ausência na escrita:

Considerando que ao contrário do que acontece com o sujeito frente à língua falada, somos formalmente ensinados a escrever (ENDRUWEIT, NUNES, 2013), é necessário compreender que inicialmente não nos é ensinado que, levando em conta o fato de que a escrita nada mais é do que outra instância da fala - sendo sujeita, portanto, às relações de intersubjetividade (BENVENISTE, 1968 - 1969) -, falta ao aluno a prática do exercício de diálogo natural à fala: falta-lhe a quem falar, falta-lhe um *alocutário* (ENDRUWEIT, NUNES, 2013).

## METODOLOGIA:

Com vistas a uma análise inicial, utilizamos, com autorização da COPERSE, uma redação escrita originalmente por um candidato ao Vestibular UFRGS 2013 intitulada "*Utopia dos excessos*" (sic), tratando do papel e limites do humor na sociedade. Nossa escolha se justifica por essa mesma redação ter sido utilizada como teste da banca de revisores e por haver divergência de opiniões na avaliação acerca de suas qualidades discursivas.

Para nossa pesquisa, lemos o texto em voz alta para 56 alunos da disciplina de Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa I (ingressantes do curso de Bacharelado de Letras 2014/1). Em seguida os alunos foram orientados a atribuir uma nota de 1 a 10 ao texto e justificar sua escolha em um breve parágrafo.

As respostas, então, foram analisadas nas reuniões de pesquisa. Como destaque, podemos citar:

- Apesar de a nota máxima possível ser 10, a nota máxima atribuída pelos alunos foi 8 (atribuída por 10 alunos);
- Houve duas notas 0 e sete notas abaixo de 3;
- Algumas observações que despertaram nossa atenção referem-se positivamente à forma como o texto foi escrito, ao mesmo tempo em que criticavam seu caráter semântico:
  - "O texto é deveras bem escrito. (...) Entretanto pelo fato de haver palavras fora do meu vocabulário fica a dúvida do que eu entendi de fato." (Aluno 6, nota 8)

## DISCUSSÃO:

Utilizando as avaliações da redação "*Utopia dos Excessos*" como ponto de partida somada à observação em sala de aula, surgiram as seguintes perguntas norteadoras:

1. Existe algum tipo de carência no texto original que justificaria as notas e as observações dos alunos? O texto fracassa em algum ponto?
2. O que causa construção do processo de intersubjetividade e a percepção de novas interpretações na leitura em voz alta?

## CONCLUSÃO: proposições preliminares

Nossa primeira hipótese, considerando os aspectos iniciais da pesquisa, é de que a "ausência" típica da escrita preenche-se com a presença do ouvinte, criando um efeito de ponte entre o eu (*aluno locutor-autor*) e o tu (*aluno alocutário-ouvinte*) que se faz presente no ato da leitura em voz alta – aspecto inédito na leitura silenciosa.

Esse efeito – ou *tu-efeito* – permite, então, dois movimentos: (1) *ao ouvinte*, a apropriação de lugar na enunciação e, portanto, a possibilidade de troca com o eu, e (2) *ao locutor*, a possibilidade de visualização da presença de sua audiência (de seu leitor), movimento que não é possível na leitura silenciosa. Os dois movimentos, analisados sob um olhar enunciativo, constituem a formação da intersubjetividade no ato de leitura silenciosa, aspecto que não chegou a ser tratado por Benveniste.

## REFERÊNCIAS:

- BENVENISTE, E. 1995. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, São Paulo, Pontes. 387 p.  
BENVENISTE, E. 1989. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, São Paulo, Pontes. 294 p.  
BENVENISTE, E. 2014. *Últimas aulas no Collège de France (1968-1969)*. São Paulo, Unesp. 277 p.  
ENDRUWEIT, Magali Lopes; NUNES, Paula Avila. O ensino da escrita visto pela ótica enunciativa: é possível ensinar uma ausência?. In: *Calidoscópico*, v. 11, n. 2, 2013., p. 204- 213.  
FLORES, Valdir. 2014. *Introdução à teoria enunciativa de Émile Benveniste*. São Paulo, Parábola. 200 p.  
GUEDES, Paulo Coimbra. 2002. *Da redação escolar ao texto: um manual de redação*. Porto Alegre, UFRGS. 317 p.